

A LIÇÃO ROSIANA

*Francisco J. C. Dantas**

RESUMO

Esta é uma reflexão sobre como Graciliano Ramos lê as obras de Rosa e sobre como ambos os autores inspiraram minha própria produção literária: através de uma transposição artística de nossas raízes.

Palavras-chave: Graciliano Ramos; Guimarães Rosa; Raízes contextuais e literatura; Leitura.

Embora tenha pelejado no Magistério a vida inteira, e tenha editado o meu primeiro romance somente há dez anos, é na qualidade de escritor que me honraram com o convite para este emérito Congresso. Quer na consecução das aulas ou na feitura de livros, sempre andei à cata da palavra de escritores sobre a obra de seus pares. Nunca deixei de correr atrás do diálogo entre eles, sequioso de colher-lhes o achado iluminado que é de praxe se esperar dos bons artistas. Pena é que, na maioria das vezes, tenha me deparado, para o meu desconsolo, com um varejo de manifestações baratas, ou com páginas e páginas cheias de palavras bonitas que não dizem nada. Infelizmente, nesse espaço delicadíssimo, os leitores que, como eu, esperam avidamente garimpar uma pepita, só encontram, na maioria das vezes, a conveniência bem calculada, o interesse recíproco entre as partes envolvidas.

Mas, mesmo me deparando freqüentemente com esse perdoável teatro da humana contingência, confesso que essa procura da palavra de um romancista em outro termina valendo a pena. As boas exceções redimem qualquer canseira. Aliás, vale a pena, não por me dar acesso a esses expedientes inconfessáveis que intermedi-

* Francisco J. C. Dantas é autor dos romances *Coivara da memória* (São Paulo: Editora Liberdade, 1991), *Os desvalidos* (São Paulo: Companhia das Letras, 1993) e *Cartilha do silêncio* (São Paulo: Companhia das Letras, 1997) e do livro de ensaio *A mulher no romance de Eça de Queiroz* (Aracaju: Editora da Universidade Federal de Sergipe, 1999). Em 2000, recebeu em Palermo (Itália), o Prêmio Internacional de Literatura da União Latina de Escritores, pelo conjunto da sua obra romanesca.

am as relações na vida literária, mas pelas lições substanciosas que tenho aprendido com os mestres verdadeiros. Estou me reportando a uma safra raríssima: àqueles escritores que não se ressentem com o sucesso alheio, e que por um movimento espontâneo, por um chamado de simpatia, fazem, sem travo na voz ou inveja nas mãos, uma leitura construtiva de uma ou mais obras de seus pares.

Nesta estreitíssima senda, a conduta de Graciliano Ramos em relação a Guimarães Rosa é verdadeiramente exemplar. Estou me referindo ao notório episódio em que o escritor alagoano toma o primeiro contato com a obra do mineiro. Meu comentário se limitará ao que me parece mais proveitoso.

Sabe-se que em 1937, ainda absolutamente inédito em livro, Rosa concorre ao segundo concurso do Prêmio Humberto de Campos, criado pela José Olympio. Concorre com o volume intitulado *Contos*, e sob o pseudônimo de Viator.

São cinco os jurados. Marques Rabelo e Prudente de Moraes votam a favor do livro de Rosa. Dias da Costa, Graciliano e Peregrino Júnior (este, o fiel da balança, pediu 48 horas para desempatar a parada) votaram no *Maria Perigosa*, de Luís Jardim. Deste modo, Rosa é preterido para o segundo lugar.

Todos sabemos quanto o Graciliano era escrupuloso, o zelo que tinha com a correção irrepreensível de seus livros e de sua pessoa. Honesto e austero a toda prova, nada do que fez acusa o traço leviano ou irrefletido. Pode ter sido homem de pouca fé; mas nunca de má-fé. Não seria diferente com aquele seu voto contra Rosa. Pelo que conheço de suas conquistas e não conquistas literárias, entendo que ele votou contra porque agira em nome de sua formação clássica e contida, em nome de sua natureza parcimoniosa, do escritor que exorcizava os anacolutos, do revisor de jornais de punho austero, do estilista enxuto que tinha horror às hipérboles e se poupava a qualquer efusão mais afetiva. Enfim, podemos dizer que ele apreciara o livro de Rosa com as ferramentas e o gosto que usava na feitura de sua própria obra. Aí, o crivo em que se espelhou foi, sem dúvida, a sua produção. Com isso, talvez tenha errado como artista comprometido de maneira inflexível com a estética neo-realista de que era usuário, errado na medida em que votou pela segurança do já feito, de um texto certinho, mas que não trazia nenhuma novidade excepcional. E o livro de Rosa, este sim, vinha contaminado de excepcionalidades. Mas Graciliano não votou em vão. Não votou levemente. E a prova disso é que, apesar de intransigente no que concerne ao credo realista, continuou insatisfeito com a sua escolha, justamente porque tivera sensibilidade para perceber, no escritor mineiro, excelentes atributos, a aventura e a afoiteza criativa que ele próprio jamais se permitira.

No ano seguinte, 1938, a consciência lhe coça. E ele voltará ao assunto em público no artigo “Um livro inédito”, onde conclama que Viator apareça, que é injusto um escritor de tanta força permanecer inédito. Anota que “Conversa de bois” é uma verdadeira maravilha, que a morte do compadre Joãozinho Bem-Bem é uma

página admirável. Mas também, com a mesma clareza, acusa os contos ruins, a existência de páginas campanudas e de mau-gosto.¹

O segundo texto de Graciliano sobre Rosa, “Conversa de bastidores”, é redigido tendo de permeio um breve diálogo com Rosa, em fins de 44, e a leitura de *Sagarana*, que antes também recebera o nome de *Sezão*, e que enfim fora publicado, como ele assinala, depois de intensa e minudente reelaboração, incluindo a exclusão de três contos, mudança de nomes de outros. Sabemos hoje que, de fato, Rosa continuou mexendo no livro até a quinta edição. Nesse segundo artigo, Graciliano se reporta a Rosa e confessa aquela sua indecisão ao julgá-lo. “... eu desejava sinceramente vê-lo crescer, talvez convencer-me de que havia me enganado, preterindo-o. Afinal, os julgamentos são precários – e naquele tínhamos vacilado. Eu, pelo menos vacilara. Às vezes assaltava-me vago remorso...”. E então, depois de anotar que *Sagarana* “emagreceu bastante e muita consistência ganhou em longa e paciente depuração”, ele assinala com perspicácia alguns atributos que me parecem realmente pertinentes à obra de Rosa: “a vigilância na observação”, honestidade na reprodução dos fatos, uma certa dissipação naturalista, alargamento das descrições. Como vemos, esses quatro predicados da arte literária são todos muito caros ao realismo representado por Graciliano. Os primeiros como qualidade, os dois últimos como defeitos. (Lembrem-se de que Graciliano contornava, por exemplo, as descrições independentes). É, portanto, numa relação especular, sem sair de si mesmo, que ele surpreende essas características em Rosa, conforme já fizera anos antes, no primeiro artigo.

Mas note-se que, nesse segundo momento, o escritor alagoano também se ultrapassa, reconhece o mérito na diferença do colega: fala com entusiasmo do ritmo da prosa de Rosa, do lirismo quase versejado descrito em relevo onomatopaico sobre a marcha dos bois. Coisa que ele próprio, Graciliano, jamais toleraria na sua própria ficção. Anota ainda que Rosa é um animalista notável, parecer que nenhum leitor com experiência de bichos pode desmentir.

Eu mesmo, no meado da década de cinqüenta, viajei a cavalo no coice de uma boiada que, tendo saído daqui de Minas, chegara estropiada e desfalcada em Sergipe, após semanas e semanas de estrada. Foi apenas uma experiência de dois dias, mas a que se juntaram todo o convívio que eu, sempre morando em fazendas, teria com os bois. Pois bem, ao ler pela primeira vez os textos de Rosa sobre bois e boiadas, fiquei pasmo com os pormenores de suas notações e, como se revivesse o sumo de suas frases, fui assimilando os detalhes que, na minha obtusidade de rapaz, jamais me ocorreram. Foi tamanha a empatia que, enquanto galopava em suas páginas, fui tomado pela sensação de que estava revivendo e conferindo o que me passara

¹ Tanto o primeiro quanto o segundo textos citados pertencem à recolha *Linhas tortas*, da Martins Editora.

despercebido na minha longínqua prática de rapazote boiadeiro. Volto ao texto de Graciliano para dizer que, no final, ele faz esta premonição que envolve Rosa: “Certamente ele fará um romance, romance que não lerei, pois, se for começado agora, estará pronto em 1956, quando meus ossos começarem a esfarelar-se”. Realmente, a predição se cumpre. **Grande sertão: veredas** sairá mesmo em 1956, quando os ossos de mestre alagoano começam, de fato, a se esfarinhar, visto que morrera em 20 de março de 1953.

Não sabemos com certeza se Rosa acatou as observações de Graciliano. É provável que sim. Pelo menos aquilo que o mestre alagoano chamara de dissipação naturalista vai desaparecendo de seus livros até o estilo telegráfico e enxutíssimo de **Tutaméia**.

No meu caso pessoal de leitor de Rosa, vou fazer menção somente a uma das grandes lições que a sua obra me passou. Não vou insistir na badaladíssima orquestração da forma, tão opulenta e ostensiva, embutindo aí as regras da narrativa clássica que ele aboliu e contrariou, exorbitando o seu banho formal. Gosto demais, por exemplo, da novela protagonizada pelo Manuelzão, onde a prosa se embaralha com a poesia, e a novela e a festa de Manuelzão se dissolvem com o velho Camilo narrando o *Romanço do Boi Bonito*...

Como está fora de dúvidas que a originalidade da expressão, aliás tão forte em Rosa, é condição cabal, indispensável ao bom escritor, quero registrar que o seu ponto de vista, sobre este assunto, é partilhado expressamente por outro nordestino célebre, só que no campo da poesia. Quando Rosa assegura que não podia “seguir a receita de Hollywood, segundo a qual é preciso orientar-se pelo limite mais baixo do entendimento”; quando diz que não está a seu “alcance escrever para o leitor assíduo no sentido de fornecer-lhe marmelada mastigada e digerida”; ou ainda quando constrói a bela metáfora de que seus “livros não são feitos para cavalos que vivem comendo a vida toda, desbragadamente”; quando Rosa assinala tudo isso, eu escuto, concomitantemente, a poderosa voz do João Cabral repisando a mesma coisa:

o autor de hoje fala sozinho de si mesmo, de suas coisas secretas, sem saber para quem escreve. Sem saber se o que escreve vai cair na sensibilidade de alguém com os mesmos segredos capaz de percebê-los. Aliás sabendo quão poucos serão capazes de entender perfeitamente sua linguagem secreta, ele conta também com aqueles que são capazes de mal-entendê-la.²

Do mesmo modo, quando Rosa diz que toda arte “terá de ser, mais a mais, construção literária”, que cada autor tem de criar o seu próprio léxico, também volto

² Refiro a conferência de Cabral intitulada “Poesia e composição”, pronunciada na Biblioteca de São Paulo em 1952, e publicada na sua *Prosa*. (Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998, p. 51-70)

a ouvir Cabral dizer que em nome da expressão todos os experimentalismos são possíveis, que cada autor tem, por obrigação, de criar a sua própria poética.

Obviamente, Rosa não fez apenas anunciar estes conceitos que encarecem a originalidade. Sua obra, sob vários ângulos esmerilhada, é um campo demonstrativo, fertilíssimo e exemplar, onde viceja toda uma floração de inovações desdobradas por uma alquimia que se esgalha por todos os níveis de sua narrativa lírica e épica. Mas como a literatura não se esgota na retórica, não posso seccionar somente na expressão, nem retirar apenas daí o portentoso ensinamento que Rosa me passou, visto que ele mesmo escreveu: “Tudo, da forma, só para abrir planos, campos e caminhos novos, a estrito serviço do conteúdo”.

A lição mais cara e inestimável que assimilei deste escritor tão universal, desse diplomata cidadão do mundo, sabedor dos segredos de tantos idiomas, foi a de que a literatura tem de se abastecer nas raízes do contexto de formação do próprio escritor. Que só podemos escrever exuberantemente quando nos abandonamos e abrimos os ouvidos às forças inconscientes que nos rodeiam e alimentaram a nossa formação. Sou partidário de que certas circunstâncias exteriores favorecem e fecundam as condições íntimas que fazem a nossa mitologia individual. Essas forças formam a base de onde podemos expressar uma visão que será inimitável. Nascem da experiência substancial que só o contato direto possibilita. Sem o necessário mergulho no mundo impalpável que abasteceu o nosso conhecimento, a nossa infância, a nossa mitologia, escrever, no sentido em que estou colocando, é falsear a realidade, é perder o espírito daquilo que é necessário aprisionar. Daí, sem outros comentários, o malogro de obras de escritores que, por se fazerem notáveis, acham que podem escrever sobre povos e países que desconhecem, ou de que têm uma visão turística.

O próprio Graciliano Ramos bate nesse ponto. Indagado por que não escrevia sobre o Rio, onde vivia há tantos anos, ele já dissera: *não sinto isto. Eu só sinto a minha gente*. E numa outra ocasião, completou: *nunca saí de mim mesmo. Só posso escrever o que sou*. E, realmente, o **Infância** e o **Vidas Secas**, construídos lá no Rio, estão profunda e visceralmente ligados ao contexto de formação do autor. E já que me vali de João Cabral, este foi outro diplomata que andou pelo mundo, bebeu em todas as fontes, mas se manteve ininterruptamente abraçado a suas raízes. Mesmo quando a sua poesia insiste nos motivos sevilhanos, nunca perdeu ou abrandou a dicção genuinamente nordestina. Sendo ele, Cabral, primo de Manuel Bandeira pelo lado paterno, e de Gilberto Freyre pelo materno, aproveito para lembrar que o segredo da força e da permanência desses dois outros mestres pernambucanos advém igualmente do mergulho profundo no chão onde nasceram.

Nesse sentido, Rosa é o nosso escritor modelar. Deu a volta ao mundo, aprendeu a pensar em várias línguas, foi receptivo às lições universais mais bizarras, navegou por muita filosofia, mas soube se resguardar do espírito espúrio, da raciona-

lização absoluta, do arrivismo, da falsa modernização, e voltou para nos mostrar que a sua verdadeira vanguarda estava emaranhada no chão de Minas, no cheiro de suas raízes. À revelia dos sabichões cosmopolitas que sempre tiveram como secundária a literatura ambientada nos pequenos lugarejos ou na zona rural, Rosa aplicou-se a escutar a sua gente e os seus bichos, a estudar a geografia sócio-lingüística de sua infância, a desencavar a substância dos seus campos. Com as mãos peludas de bruxo, provou que ainda se pode fazer alta literatura sobre roceiros, campos e bichos, metamorfoseando essa matéria em pura transcendência.

De igual modo, com a mesma convicção, se manteve infenso à nossa mais forte e recente tradição novelística que era então o romance de trinta. Desprezou dela a ideologia romanesca que geralmente só enxergava, entre patrão e empregado, as ostensivas relações de classe, a exploração humana, tão a gosto do materialismo dialético que então preponderava nos nossos meios intelectuais. Aqui Rosa também conservou uma postura solitária e independente que lhe valeu a pecha de alienado e de conservador.

Mas, imperturbável, Rosa continuou soberano. E orientou sua militância para um espaço mais abrangente. Pegando corajosa e ostensivamente a contramão, construiu uma literatura a contrapelo dessas duas tendências. Deixou de lado o apelo aliciante das cidades grandes com os seus problemas cruciais, tão sedutores para o exercício de uma dialética fácil, e para se explorar as contradições do capitalismo, e ambientou os seus personagens numa outra idade; no campo e nos pequenos lugarejos sem leis e sem justiça. Veio a demonstrar, do mesmo modo, que entre as pessoas de classes diferentes coexistem outros sentimentos que não o simples ódio que medeia a relação entre exploradores e explorados, sem deixar, todavia, de mostrar um bando de loucos, de injustiçados, de párias, de excluídos da ordem social, da organização erigida pelos homens.

A par da agrura desses peregrinos marginalizados por uma miséria atroz, sem nenhum acesso à cidadania, também evidenciou, dialeticamente, que sempre houve, entre essas pessoas, espaço para a alegria, o afeto, a honra, o amor e outros traços positivos de nossa condição natural. Que as pequenas comunidades sempre souberam resolver os seus problemas de maneira mais saudável do que as que são ditadas pela intervenção do Estado, que se quer tão justo, organizado e racional.

Enfim, investindo incansavelmente na originalidade da expressão e, ao mesmo tempo, voltando-se para suas raízes mineiras, para a profusa herança cultural que lhe coube, Rosa soube contornar os lugares-comuns, e chegou a fazer interpretações extraordinárias sobre o dismantelamento do país e sua gente. Como? Escarafunchando os desvãos do país e da língua, pondo tudo de ponta-cabeça, submetendo-os ao crivo de seu talento, à tenacidade de seu trabalho. E, ainda de lambugem, deu um tapa-boca àqueles críticos que sempre andaram arrepiados contra a

literatura que, pejorativamente, chamaram de Regionalista. Pioneiríssimo, esse desbravador viabilizou definitivamente, para todos nós, o caminho da literatura ambientada no campo e nas cidades pequenas. Agora, é fundir as nossas raízes no cadinho da expressão original. Nesta seara, Rosa é o legítimo fundador da nossa contemporaneidade.

ABSTRACT

This is a study of how Graciliano Ramos reads Rosa's works and of how both authors have inspired my own literary production: by means of an artistic transposition of our roots.

Keywords: Graciliano Ramos; Guimarães Rosa; Contextual roots and literature; Reading.